

# Mário de Sá-Carneiro — Dispersão

Perdi-me dentro de mim  
Porque eu era labirinto,  
E hoje, quando me sinto,  
É com saudades de mim.

Passei pela minha vida  
Um astro doido a sonhar.  
Na ânsia de ultrapassar,  
Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,  
Não tenho amanhã nem hoje:  
O tempo que aos outros foge  
Cai sobre mim feito ontem.

(O Domingo de Paris  
Lembra-me o desaparecido  
Que sentia comovido  
Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é família,  
É bem-estar, é singeleza,  
E os que olham a beleza  
Não têm bem-estar nem família).

O pobre moço das ânsias...  
Tu, sim, tu eras alguém!  
E foi por isso também  
Que te abismaste nas ânsias.

A grande ave dourada  
Bateu asas para os céus,  
Mas fechou-as saciada  
Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,  
Assim me choro a mim mesmo:  
Eu fui amante inconstante  
Que se traíu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro  
Nem as linhas que projecto:  
Se me olho a um espelho, erro –  
Não me acho no que projecto.

Regresso dentro de mim,  
Mas nada me fala, nada!  
Tenho a alma amortalhada,  
Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,  
Fiquei com ela, perdida.  
Assim eu choro, da vida,  
A morte da minha alma.

Saudosamente recordo  
Uma gentil companheira  
Que na minha vida inteira  
Eu nunca vi... Mas recordo

A sua bôca doirada  
E o seu corpo esmaecido,  
Em um hálito perdido  
Que vem na tarde doirada.

(As minhas grandes saudades  
São do que nunca enlancei.  
Ai, como eu tenho saudades  
Dos sonhos que não sonhei!...)

E sinto que a minha morte –  
Minha dispersão total –  
Existe lá longe, ao norte,  
Numa grande capital.

Vejo o meu último dia  
Pintado em rolos de fumo,  
E todo azul-de-agonia  
Em sombra e além me sumo.

Ternura feita saudade,  
Eu beijo as minhas mãos brancas...  
Sou amor e piedade  
Em face dessas mãos brancas...

Tristes mãos longas e lindas  
Que eram feitas pra se dar...  
Ninguém mas quis apertar...  
Tristes mãos longas e lindas...

E tenho pênã de mim,  
Pobre menino ideal...  
Que me faltou afinal?  
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...

Desceu-me nalma o crepusculo;  
Eu fui alguém que passou.  
Serei, mas já não me sou;  
Não vivo, durmo o crepúsculo.

Alcool dum sono outonal  
Me penetrou vagamente  
A difundir-me dormente  
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,  
E, louco, não enlouqueço...  
A hora foge vivida,  
Eu sigo-a, mas permaneço...

. . . . .  
. . . . .

Castelos desmantelados,

Leões alados sem juba...

. . . . .

. . . . .

**Mário de Sá-Carneiro, Dispersão**